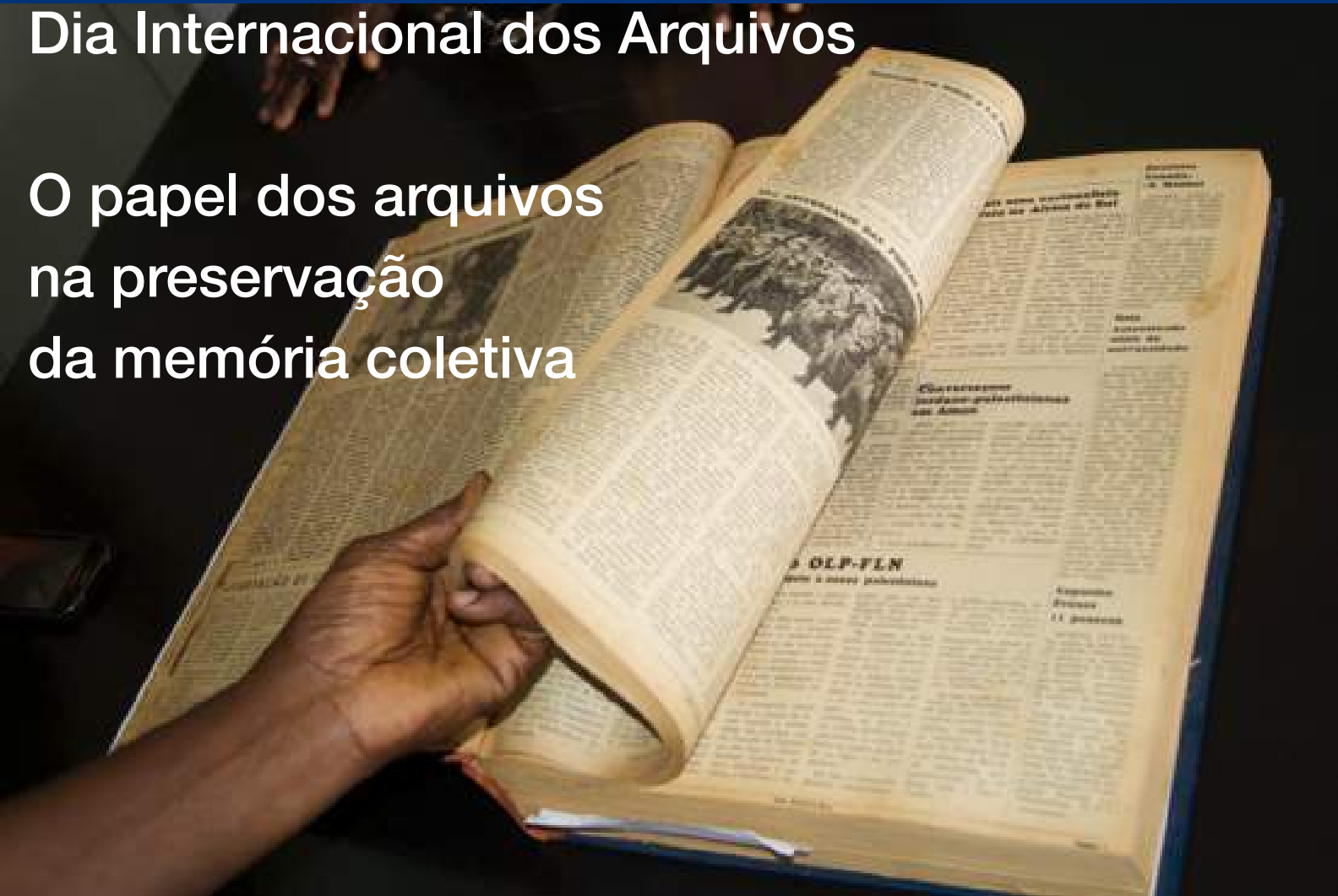


Dia Internacional dos Arquivos

O papel dos arquivos
na preservação
da memória coletiva



Nesta edição:

- O Valor Económico da Biodiversidade enquanto Vantagem Comparativa
- Entrevista Peter Karibe Mendy

O Instituto Benten é um centro de reflexão e de promoção do diálogo entre todos os atores da sociedade guineense, visando a elaboração de estratégias para o desenvolvimento sustentável da Guiné-Bissau.

NOTA AO LEITOR



Temos a enorme satisfação de apresentar o boletim informativo do Instituto. É uma publicação criada para informar sobre as nossas ações e convidar à reflexão e troca de ideias sobre os aspetos inerentes ao desenvolvimento e às políticas públicas no contexto da Guiné-Bissau e da sub-região.

Em janeiro de 2015, completamos dois anos de existência, marcados pelo pontapé de saída com o I Fórum Económico de Bissau (fevereiro de 2013), uma plataforma de diálogo e cooperação entre os principais atores da sociedade civil, sectores público e privado e governo. Obviamente que não queremos restringir a nossa ação somente a esse evento, mas reconhecemos o seu impacto e alcance. Por isso, queremos dar-lhe continuidade e já arregaçamos as mangas para a concretização da 2.^a edição, perspetivada para 2016, sob o tema *Aprender com as melhores práticas: Capital Natural e Transformação Económica*. Pretendemos, assim, continuar a proporcionar espaços e momentos de

reflexão, mas mais do que isso, queremos transformar as ideias em estratégias e, por conseguinte, em ações concretas que tragam melhores políticas públicas. Paralelamente a esse objetivo, estamos a apostar na interação com think tanks do mundo. Isso leva-nos a Istambul, concretamente ao segundo intercâmbio de think tanks (*Think Tank Initiative Exchange 2015*), promovido em fevereiro pelo Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento do Canadá (IDRC), onde pudemos trocar experiências com think tanks da África Subsariana, América Latina e Ásia do Sul.

Para melhor desempenharmos os propósitos a que nos propusemos, chegamos à conclusão que devemos canalizar os nossos parcos recursos humanos e financeiros em três grandes áreas – facilitação do crescimento económico, preservação do meio ambiente e promoção da cultura através da preservação da memória coletiva. Os desafios são enormes, mas esperamos que o Instituto Benten cumpra a missão para a qual foi concebida – ajudar a definir um consenso nacional para a transformação económica e social da Guiné-Bissau.

Resta-me desejar uma boa leitura, aguardando comentários e questões que nos ajudem a melhorar este boletim informativo e as ações do Instituto.

PAULO GOMES
PRESIDENTE DO INSTITUTO BENTEN

O VALOR ECONÓMICO DA BIODIVERSIDADE ENQUANTO VANTAGEM COMPARATIVA - OPORTUNIDADES E DESAFIOS ESTRUTURAIS DA GUINÉ-BISSAU

Paulo Gomes

CONFERÊNCIA

GUINÉ-BISSAU:

Desafios de uma Agenda de Transformação Estrutural Pós-Mesa Redonda

EXIBIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

UMA NOVA CARA PARA GUINÉ-BISSAU

Filme de FLORA GOMES

ENTRADA LIVRE

07 MAIO 2015 | 18h-20h
Centro Cultural Franco-Guineense

Cobertura em direto da
Rádiodifusão Nacional

MIGUEL DE BARROS
Moderador



GERALDO MARTINS
Terra Parika - Lima Verde Transformadora da Guiné-Bissau



PAULO GOMES
O Valor Económico da Biodiversidade enquanto Vantagem Comparativa - Oportunidades e Desafios Estruturais da Guiné-Bissau



EDUARDO FERNANDES
Condições e sucesso da transformação socioeconómica na Guiné-Bissau: Desafios da Governança Participativa e o papel da Sociedade Civil



ORGANIZAÇÃO:



INSTITUTO BENTEN
CENTRO DE TRANSFORMAÇÃO ESTRATÉGICA E GESTÃO

APOIO:

GebArquitetura
Urbanismo e Design

FINANCIAMENTO:



Excerto da intervenção na Conferência “Guiné-Bissau: desafios de uma Agenda da Transformação Estrutural Pós-Mesa Redonda”

Gostaria de articular a minha intervenção em torno de três eixos: desafios e vulnerabilidades; oportunidades e capital.

No que diz respeito aos desafios, estamos num mundo globalizado. Fizemos várias mesas redondas, mas a mesa redonda de Bruxelas era particularmente difícil, devido à situação da crise internacional em que há focos de tensão em todos os lugares, mas os nossos desafios internos são também grandes.

Um dos desafios é a nossa demografia e a ocupação do espaço do território guineense, que suporta cerca de 1,700 milhões de habitantes. Grande parte dessa população, quase 70% vive na zona costeira, sendo nessa área que temos o famoso rácio do mangal em relação à nossa superfície de 9%. Penso que há só uma país na África com um rácio equivalente, que é a Nigéria. Portanto, a nossa população vive nessa zona muito vulnerável, que é a parte importante do nosso ecossistema, onde se reproduzem variedades e espécies diferentes e é também nessa parte que a Guiné-Bissau é ainda um dos países mais vulneráveis do mundo em relação à subida da temperatura e do nível do mar. O único país que se compara connosco é o Bangladesh. Isso quer dizer que o mar está a entrar, está a criar um fenómeno agressivo de erosão, está a atacar as nossas bolanhas, está a agredir aquele espaço do território onde vive 70% da nossa população, está a agredir o ecossistema, destruindo a biodiversidade daquela zona.

A vulnerabilidade não é só em termos demográficos, mas também em relação às infraestruturas, porque estas também andam muito em correlação com a zona costeira. Se formos observar as estradas que temos, por exemplo a que vai até Canchungo, Mansoa, todas elas estão perto de bolanhas e com a subida do mar, podem ser arrastadas se não houver investimento nessa matéria.

Os desafios são enormes. Só para recordar, temos o desafio na área das florestas, designadamente em relação ao corte desenfreado de árvores. Trata-se de uma situação inaceitável e, o meu ponto de vista, foi sempre o de proibir o corte da madeira. ***Perante o cenário atual, com a imposição da moratória de cinco anos, a solução será importar madeira e, nesse aspeto existem algumas iniciativas que estamos a desenvolver para que países como o nosso, possam importá-la do Gabão, Congo e Camarões.***

Não obstante os desafios, a Guiné-Bissau tem muitas oportunidades. ***Como primeira oportunidade, destaco e aproveito para felicitar toda a massa crítica de pessoas que, de uma forma silenciosa, durante anos, trabalharam de uma forma árdua a questão da biodiversidade.*** Na altura, estava no Ministério do Plano e Integração Regional, era mais um economista concentrado nas contas e nas finanças, mas havia uma equipa silenciosa, onde se pode falar de pessoas como Augusta Henriques, do falecido Pepito, Nelson Dias, Rashid, Simão, Jandim e muitas outras que fizeram



um trabalho enorme em matéria da biodiversidade e do ambiente e que são agora uma referência na África Ocidental, o que constitui para o país uma vantagem comparativa em matéria de conhecimentos adquiridos. A questão agora é como fazer a ampliação desse conhecimento, como povoar a nossa administração de economistas, de juristas, que têm uma forte sensibilidade com a questão ambiental e da biodiversidade. ***Nós temos que integrar toda essa questão da biodiversidade na logística jurídica do país para que possamos liderar nessa matéria.***

A segunda oportunidade é que a nossa biodiversidade permite ao país ter uma agricultura única. Não é só questão de sexy ou bio, porque agora no marketing inventa-se tudo e para nós a agricultura biológica é uma realidade, dada a preservação do nosso ecossistema e da nossa biodiversidade. Por isso, podemos

criar uma agro-indústria que nos dá prémios em termos de preço, com qualidade, sem entrar numa agricultura de produção de grandes toneladas, mas uma agricultura seletiva e de qualidade. O nosso caju é um exemplo e existem mais outros. Essa é uma iniciativa que deve ser consolidada, para que o sector privado possa investir, mas o Estado também deve investir.

A terceira oportunidade é o turismo, onde temos mais de 80 ilhas preservadas. ***A questão é: que tipo de turismo queremos?*** E isso foi bem assinalado no documento Terra Ranka. Nós não queremos um turismo como se faz em Cabo Verde, no Senegal ou nas Ilhas Canárias, porque não podemos ter um turismo desses, não é o turismo de milhares de pessoas. Embora possa parecer elitista, é fundamental termos um turismo onde as pessoas pagam e pagam mais, porque está em causa o custo de preservação. Não vou dar ilhas a

peças que chegam e vão gastar 10 dólares e o custo de preservação desse ecossistema pelo Estado e parceiros é trinta a cinquenta vezes mais caro. De facto, a alternativa é a prática de um turismo seletivo, do tipo ecoturismo, que vai atrair turistas diferentes, com milhares de pessoas que estão a aparecer no turismo, chineses, indianos. Portanto, há um mercado enorme, mas temos que ser extremamente atentos sobre que tipo de turistas e que tipo de propostas são feitas. Podemos ser confrontadas com propostas de pessoas que rapidamente podem pedir quatro ilhas. Mas aí eu digo: as ilhas não são para dar. Há uma mentalidade no qual é preciso dar, mas quais são as políticas? Poucos países foram tão corajosos em apontar claramente a direção do tipo de turismo que querem, porque é o mais difícil, porém mais sustentável e mais durável.

A quarta oportunidade dentro do eixo de oportunidades, é a possibilidade de criação de milhares de empregos, com a questão da biodiversidade, pois só com a recolha de dados, o monitoramento daquilo que se passa, da subida de água, assim como a recolha de informações e análises, são campos de criação de emprego que, dada a digitalização da economia, nós podemos educar muitas pessoas que vão trabalhar nesse domínio, criando muitos empregos na área dos serviços e não na área industrial. Nós temos muita gente com matéria cinzenta e que não seria forçosamente necessário que as pessoas fossem à universidade para esse efeito.

Em termos do último e terceiro eixo, que é o capital, o Ministro da Economia e Finanças, Geraldo Martins, falou do desafio que teve para mobilizar 1 bilhão e meio, no qual vai certamente ter que passar 30 a 50% do seu tempo para correr atrás dos doadores para conseguir aquele montante, e isso toma muito tempo, mas acredito que, simultaneamente a esse processo, a arquitetura clássica dos doadores, a Guiné-Bissau, pode posicionar-se para liderar aquilo que se passa em matéria de financiamento do clima. Estive ausente da mesa redonda de Bruxelas, porque sou membro do Conselho de Administração do Fundo Verde para o Clima. Estive envolvido já há vários anos para montar o fundo que está sediado na Coreia e, nesse momento, tem 10 milhões de dólares. No quadro desse fundo, acredito que a batalha que alguns africanos terão de enfrentar, prende-se com a questão de como conseguir trazer a maior parte para África, porque nos ***próximos anos haverá uma batalha em torno da questão do financiamento das mudanças climáticas. Nesse sentido, temos que posicionar o nosso país no centro desta problemática.*** Preservar custa, mas ninguém nos obriga a preservar o nosso ambiente. É uma decisão.



BENTEN EM FOCO



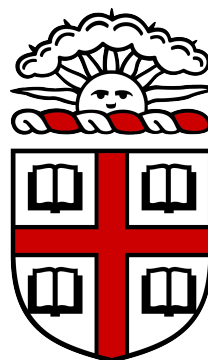
SEGUNDO INTERCÂMBIO DE THINK TANKS EM ISTAMBUL

Entre 18 a 20 de fevereiro, decorreu na cidade de Istambul, Turquia, o segundo intercâmbio de think tanks (Think Tank Initiative Exchange 2015), promovido pelo Centro Internacional de Pesquisa para o Desenvolvimento do Canadá (IDRC), no quadro do programa multidoadores para o reforço de capacidades de instituições independentes que atuam na área da pesquisa sobre políticas públicas em países em desenvolvimento.

Numa perspectiva de troca de experiências e estabelecimento de parcerias com think tanks de outras partes do mundo, o Instituto Benten esteve representado no evento pelo seu presidente e pela sua diretora executiva. Sob o tema *Research Quality: Approaches, Outreach and Impact*, durante dois dias, 200 participantes, entre membros de think tanks da África Subsaariana, América Latina e Ásia do Sul, doadores e decisores políticos, reuniram-se em sessões plenárias e grupos de trabalho numa reflexão sobre os aspectos que determinam a pesquisa de qualidade.

De salientar ainda que o presidente do Instituto Benten foi um dos oradores do painel sobre a noção de pesquisa de qualidade na perspectiva dos decisores políticos.

INSTITUTO BENTEN ASSINA MEMORANDO DE ENTENDIMENTO COM UNIVERSIDADE DE BROWN



BROWN

No âmbito do Projeto Cabral, o Instituto Benten e a Universidade de Brown, através do Centro para a Escravatura e Justiça, assinaram no dia 18 de março um Memorando de Entendimento que visa a colaboração na concretização do documentário de Flora Gomes sobre Amílcar Cabral, que está inserido no Programa Promoção da Cultura, através da Preservação da Memória Coletiva.

O memorando pressupõe o apoio na realização do documentário e entrevistas com vista à produção de uma história oral e um projeto de arquivo das figuras da luta de libertação.

HOMENAGEM AO CINEASTA FLORA GOMES

O Instituto Benten associou-se à primeira edição do projeto HomenageArte, sob o tema "Flora Gomes e os Óculos do Sonho", promovido pelo Movimento Ação Cidadã, com o propósito de cultivar as referências positivas, criar condições para deixar legados à nova geração, promover e valorizar o trabalho cultural de pessoas e

instituições.

Dentro da programação prevista, o Benten patrocinou a publicação do livro intitulado "Flora Gomes – O cineasta Visionário", lançado a 19 de março, na Fortaleza da Amura, em Bissau. Anteriormente, participou também na Gala de Homenagem ao cineasta que teve lugar a 20 de dezembro de 2014, num dos hotéis da capital guineense.





VISITA AO JORNAL NÔ PINTCHA

O Jornal Nô Pintcha abriu as suas portas à equipa do Instituto Benten no dia 17 de abril. A visita tinha como objetivo conhecer as instalações e saber do estado de conservação dos arquivos daquele órgão de comunicação social.

A equipa pôde constatar as dificuldades atravessadas pelo jornal no seu dia-a-dia, assim como o estado de conservação de parte do arquivo que restou depois do conflito político-militar de 7 de junho de 1998.

O arquivo, composto de fotografias e coleções do jornal do período da luta de libertação nacional e do pós-independência, representa um marco na história da Guiné-Bissau. Nesse sentido e, reconhecendo a importância do arquivo para a preservação da nossa memória coletiva, o Instituto Benten manifestou interesse em colaborar com o Nô Pintcha na sua recuperação e conservação.

DESAFIOS DE UMA AGENDA DE TRANSFORMAÇÃO PÓS-MESA REDONDA

Depois do governo ter realizado a mesa redonda de doadores a 25 de março, em Bruxelas, o Instituto Benten em parceria com a Tiniguena, decidiram organizar a conferência “Guiné-Bissau: desafios de uma Agenda da Transformação Estrutural Pós-Mesa Redonda” com o objetivo de abordar os aspectos técnico-operacionais e políticos do evento.

Sociedade civil, sector privado e Estado juntaram-se a esta primeira iniciativa que teve lugar no dia 7 de maio no Centro Cultural Franco-Bissau-Guineense.

Para o debate foram apresentadas as perspectivas do ponto de vista do governo, através do Ministro da Economia e Finanças, Geraldo Martins, enquanto que a perspectiva económica e da interação com a sociedade civil estiveram a cargo de Paulo Gomes, presidente do Instituto Benten e do economista Eduardo Fernandes.

CONFERÊNCIA
GUINÉ-BISSAU:
 Desafios de uma Agenda de Transformação Estrutural Pós-Mesa Redonda

EXPOSIÇÃO FOTODOCUMENTÁRIO
UMA NOVA CARA PARA GUINÉ-BISSAU
 Filme de FLORA GOMES

ENTRADA LIVRE

07 MAIO 2015 | 18h-20h
 Centro Cultural Franco-Guineense

Cobertura em direto da
 Rádio-difusão Nacional

MIQUEL DE BARROS
 Moderador

PAULO GOMES
 Presidente do Instituto Benten e do economista

GERALDO MARTINS
 Ministro da Economia e Finanças

EDUARDO FERNANDES
 Economista

ORGANIZAÇÃO: INSTITUTO BENTEN

APOIO: GebArquitetura
 Urbanismo e Design

FINANCIAMENTO:

Dia Internacional dos Arquivos

O papel dos arquivos na preservação da memória coletiva



No dia em que se assinalou o Dia Internacional dos Arquivos, o dia 9 de junho foi celebrado em Bissau com um seminário sob o tema “Gestão e Preservação de Arquivos nas Organizações Públicas e Privadas”. O auditório do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) foi o palco desta iniciativa que juntou sessenta participantes, entre técnicos, jornalistas e estudantes, para uma reflexão sobre a importância dos arquivos na preservação da memória coletiva e da identidade nacional. Após a sessão de abertura, que foi presidida pelo diretor-geral da Cultura, João Cornélio Gomes Correia, deu-se início à primeira parte dos trabalhos com a apresentação dos painéis “Noções básicas de arquivo” e

“Desafios e oportunidades na preservação dos arquivos nacionais”.

A segunda parte do seminário foi destinada à discussão sobre a “Política nacional de gestão e preservação de arquivos”.

Os participantes realçaram a pertinência do tema para a construção e preservação da memória coletiva e identidade nacional guineense. Reconheceram também que a gestão dos documentos arquivísticos é um procedimento essencial nas instituições quer públicas quer privadas, sendo necessário o estabelecimento de um conjunto de boas práticas para a preservação e utilização dos arquivos.

Entre os desafios que se colocam à preservação dos arquivos destacaram-se,



entre outros, a necessidade de implementação de políticas públicas baseadas em conhecimentos e análises documentados e não em critérios políticos e interesses, a ausência de uma estrutura nacional depositária de exemplares de todos os documentos publicados sobre a Guiné-Bissau, assim como a falta de uma estratégia eficaz e agressiva de recuperação e aquisição de obras sobre o país, no estrangeiro. Outra questão levantada prende-se com o papel do Estado na proteção, tratamento e organização dos arquivos nacionais.

As recomendações resultantes do seminário vão ser agrupadas num documento a ser apresentado às autoridades nacionais e organizações implicadas nesta matéria.

O Seminário “Gestão e Preservação de Arquivos nas Organizações Públicas e Privadas”, organizado pelo Instituto Benten,

INEP e Jornal Nô Pintcha, contou com a participação de conceituados oradores ligados à área da gestão documental, direito, ambiente, comunicação social e sociedade civil.



ENTREVISTA

PETER KARIBE MENDY**“O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA NA GUINÉ-BISSAU É PARTICULARMENTE DESAFIADOR”**

O professor Peter Karibe Mendy licenciou-se em Teoria Política e Instituições, pela Universidade de Sheffield (Reino Unido), antes de ir para os Estados Unidos, onde concluiu o doutoramento em Ciência Política e Estudos Africanos em 1987. Atualmente é professor de História e Estudos Africanos na Universidade de Rhode Island, contando com 22 anos de carreira

docente ao nível universitário nos Estados Unidos. Em 2014, ganhou o Prémio da Cidade de Providence: “Reconhecimento pelas Contribuições na Área da Educação em Rhode Island”, além de outros prémios já conquistados na área da educação e da cultura.

Nesta entrevista, Peter Karibe Mendy fala dos desafios e oportunidades da pesquisa em África e na Guiné-Bissau, assim como da experiência de 7 anos em atividades de pesquisa no país.

Esteve ligado a atividades de pesquisa na Guiné-Bissau durante 7 anos. Conte-nos como foi essa experiência?

Juntei-me ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP) em Setembro de 1991. Foi um grande privilégio fazer parte da jovem e dinâmica equipa de investigadores, apoiada por dedicados arquivistas, bibliotecários, técnicos documentais, pessoal administrativo, motoristas, jardineiros e guardas. Já vinha a acompanhar de perto os tremendos progressos feitos pelo Instituto desde a sua criação oficial cinco anos antes. Carlos Lopes, o primeiro diretor visionário e a força dinâmica por trás da sua criação, manteve-me informado das atividades preparatórias e convidou-me a juntar-me aos investigadores pioneiros altamente motivados e engajados.

Quando iniciei funções em 1991, Carlos Cardoso era o diretor. Ele e outros membros do Conselho de Direção eram mais prestativos, enquanto os outros investigadores e funcionários eram enormemente colaborativos, facilitando e garantindo, assim, a minha rápida

adaptação ao ritmo de trabalho no INEP. Desde o meu primeiro dia de trabalho até à minha separação forçada do Instituto, devido ao devastador conflito político-militar de 7 de julho de 1998, o meu relacionamento interpessoal com cada membro da família INEP, desde os investigadores aos arquivistas, dos motoristas aos guardas, foi caracterizado pela cooperação, colaboração, companheirismo e respeito. Foi uma experiência que contribuiu grandemente para o reforço das minhas capacidades de pesquisa e capacidade administrativa. Antes de ser nomeado diretor do INEP, fui coordenador do Centro de Estudos da História Contemporânea (CEHC) e diretor-adjunto de 1991 a 1994.

Considera que a investigação constitui um desafio para África?

A pesquisa em África continua a ser um grande desafio, por diversas razões, mas fundamentalmente por causa de infraestruturas inadequadas: escassas instituições de pesquisa, a maior parte delas são mal equipadas e grosseiramente subfinanciadas; instabilidade política e ambiente hostil para os investigadores, particularmente no campo das ciências sociais, onde é necessário elaborar questões críticas sobre os fenómenos sociais e políticos. Um ambiente favorável e recursos financeiros disponíveis para manter arquivos, bibliotecas, e laboratórios e modernizar equipamentos continuam a ser os maiores constrangimentos.

No caso da Guiné-Bissau, quais é que acha que são os maiores desafios?

O desenvolvimento da pesquisa na

Guiné-Bissau é particularmente desafiador, como demonstra amplamente a destruição física do INEP durante o conflito político-militar de 7 de junho. A crise estrutural na Guiné-Bissau agrava a escassez de dados. Recursos arquivísticos e bibliotecários permanecem escassos enquanto o financiamento da pesquisa é um obstáculo de relevo.

De que forma as instituições guineenses podem desenvolver a pesquisa?

Apesar da notável produção de pesquisas do INEP durante os últimos 30 anos, a Guiné-Bissau, como muitos países de África, permanece território virgem para ambas as atividades de pesquisa básica e aplicada. Ainda resta uma infinidade de pesquisa fascinante em áreas como biodiversidade e adaptação às alterações climáticas, estatísticas sociais, demografia e diplomacia, além de história, política, sociologia e antropologia.

Em relação à demografia, o Censo Demográfico 2009 contém dados fascinantes que ainda carecem de uma análise séria e crítica. Entre outros aspetos, os dados do censo refletem uma mudança na paisagem étnica da Guiné-Bissau, que mostra os Fulas (28%) como a maioria e os Balantas (22,5%) como o segundo maior grupo étnico, com os muçulmanos compreendendo 45% da população e cristãos 22%. Quais são as implicações desta informação para a política da Guiné-Bissau no futuro? Obviamente, todas as recentes mudanças demográficas terão um impacto a longo prazo para a sociedade, economia e política guineense.

Outra área vasta de oportunidades de

pesquisa diz respeito aos efeitos das alterações climáticas nas culturas agrícolas, pastagens, etc. Obviamente, a compreensão das relações entre alterações climáticas e produção de gado é essencial para a sustentabilidade do sector agrícola.

Tendo em conta que o Instituto Benten é um think tank e ainda a dar os primeiros passos (também com alguns constrangimentos que já referiu), como pode apostar na pesquisa?

Enquanto think tank, o Instituto Benten pode desempenhar um papel muito importante, através da especialização em pesquisa aplicada que é sustentada pelo acumulado e crescente conhecimento das realidades sociopolíticas e económicas da Guiné-Bissau, geradas por pesquisadores do INEP e outros fora do país durante as últimas três décadas. Tendo em conta os problemas estruturais enfrentados pela economia guineense, que constituem desafios de desenvolvimento formidáveis, a

especialização do Benten em pesquisa económica aplicada e organização regular de conferências e reflexões profundas que envolvem não só os decisores políticos e os doadores, mas todas as partes interessadas, incluindo grupos da sociedade civil, será um valioso papel para um think tank. Publicações e divulgação dos resultados da investigação aplicada e atas de conferências devem constituir importantes contribuições para a tomada de decisão governamental e processo de elaboração de políticas públicas.

Como um think tank, a missão, visão e práticas do Benten devem sempre refletir a independência, integridade e credibilidade.

Quando é que podemos falar de qualidade em relação a uma pesquisa?

A qualidade e valor de qualquer pesquisa depende do quão bem o projeto de pesquisa é elaborado e como é conduzido. O cumprimento rigoroso de padrões éticos e profissionais é vital.

FICHA TÉCNICA

Boletim Informativo Número 1. Janeiro de 2016

Esta Newsletter é uma edição da Direção do Instituto Benten

Edição, Design e Paginação: Charlotte Alvarenga e Sérgio Fernandes

Revisão de texto: Charlotte Alvarenga

Fotografias: Charlotte Alvarenga, Pedro Fernandes, UE-PAANE, Peter Karibe Mendy

Instituto Benten

Bairro d'Ajuda 2.^a Fase Bissau, República da Guiné-Bissau | tel. +245 95 565 14 85

info@institutobenten.org | www.institutobenten.org